

## Belém e o seu batuqueiro\*

Dalcídio Jurandir

Chego a Belém e encontro o batuqueiro em plena forma, o nosso Bruno de Menezes. A cidade conhece-lhe o passo e dele é o coração do subúrbio, do terreiro, dos arraiais. O poeta escreveu **Candunga**, prepara os **Cadernos de Camarada Bernardino** e nos dá a quarta edição de **Batuque**.

Recordo os meus primeiros encontros com Bruno de Menezes, em São João do Bruno. No balcão da “Liberal”, eu e Cícero Batista — meu velho, querido Cícero, morto há dois anos — experimentávamos uma “abaeté” em certa manhã de setembro. Chega o Bruno, logo se incorpora e exclama:

— Ah, meus quinze anos!

Pavulagem do poeta, porque seus quinze anos ainda os tem nessa vida que leva, no cabelo branco, na teimosia do sonho, no gosto de descobrir a vida, todos os dias. E aqui sinto esses mesmos quinze anos, lendo **Batuque**, poema desta cidade.

**Batuque** é um retrato de Belém, história do Umarizal, da Pedreira e da Cremação, do cais e das velhas docas. O subúrbio e o terreiro, em suas páginas estão dançando e cantando. O livro, por isso, tem uma saborosa força nativa e o poeta nos transmite “a vida brasileira que ele viu e gozou e viveu” nesta Belém tão sua. Em muitos versos, falam os devotos do Mastro do Divino, sussuram os namorados, sob o jasmineiro, na velha Dois de Dezembro ou na Vila da Barca, ouve-se a reza da Tia Ana das Palhas, “que foi do tempo dos cabanos”. É o tom grosso dos estivadores, o movimento dos meninos empinando papagaios e correndo atrás dos cordões e bumbás nas noites de São João. Foi para mim um encontro necessário, este, com **Batuque** agora que revejo, com melhor carinho, os lugares onde o poeta se inspirou, reconheço fisionomias e árvores e casas e esquinas que contam sua história no poema.

**Batuque** tem uma importância histórica e literária na poesia brasileira, sobretudo na poesia da Amazônia. E está no seu caráter popular, nos temas folclóricos, na fidelidade à terra e à gente de pé rapado, de ombro suando no trabalho e na dan-

ça de terreiro. Muitas vezes, um verso de **Batuque** é uma imprecisão, como a que fala da “Gente de Estiva”. Para muitos atuais poetas de redoma, estiva é coisa rudemente anti-poética, como também não merecia a atenção dos que, há 50 anos, se esmeravam em rimar miúdas abstrações e exibir sonetos como múmias. Como uma ousadia e uma sinceridade de inovador, Bruno trouxe os estivadores para a sua poesia e cantou o seu trabalho. Considero isso um acontecimento novo na história da poesia brasileira.

E que vigoroso exemplo para os jovens poetas, sim, senhor! Será sempre inútil negar que a imaginação e a sensibilidade do povo são as forças mesmas da poesia. Sem estas, não será possível a nenhum poeta compreender o seu tempo, ser claro e profundo naquilo que quer dizer. Os verdadeiramente grandes poetas nunca foram obscuros. É verdade que se cobrem por vezes de súbita obscuridade mas inventada por espessos e complicados exegetas. Quando alguns poetas de inegável talento, aqui na Amazônia, procuram repetir, nos seus poemas, o desencanto de um Eliot, a metafísica de um Rilke e a “triste carne” dos poetas simbolistas, lamentando-lhes mau proceder. Estão cegos da sua terra, surdos as próprias fontes murmureantes em torno, acabarão condenados à solidão e que magra solidão!

Bruno de Menezes seguiu humildemente as leis da criação poética e isso tem exemplo em **Batuque**. O poeta atravessa a cidade como um igarapé de maré cheia. E toda a Belém se reflete nele viva, “trescalando a manga-ona”. Belém dos cabanos e do Círio de Nazaré, dos grevistas de 1918 e do Mestre Martinho. Belém de voz doce mas de peito quente quando luta pela liberdade.

**Batuque** faz parte de nossa cidade, como a Sé, a tacacazeira, a lembrança de Angelim, o Ver-o-Peso. Lendo-o, sinto-me num arraial, em meio dos “ombros melados da tropa devota de tantos festeiros”. Aí está o seu permanente encontro.

\* Especial para a FOLHA